



O Sorriso da Esperança: Um livro-reportagem sobre histórias de vida de crianças com Leucemia ¹

Emmanuel Victor Schactae FORNAZARI²

Carlos Alberto de SOUZA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, PR

Resumo: O livro-reportagem pretende narrar a vida de crianças com leucemia que fazem tratamento em Ponta Grossa. Por isso, o enfoque deste trabalho é o cotidiano dessas pessoas. O objetivo é mostrar que atividades próprias da faixa etária como correr, ir à escola, passear no parque, são fundamentais para a evolução do tratamento. A intenção deste trabalho é mostrar que a leucemia não limita as crianças apenas à rotina do tratamento. Para o desenvolvimento da pesquisa deve-se utilizar as técnicas de entrevista defendidas por Medina (1990). O que vai dar sentido à reportagem são os depoimentos das próprias crianças, de familiares, médicos, amigos e demais envolvidos.

Palavras-chaves: Crianças, Leucemia, História de vida, Jornalismo, Livro-reportagem

Introdução

A leucemia é um tipo de câncer que se origina a partir de alterações nos glóbulos brancos ou leucócitos, que são as células de defesa do organismo. Alguns fatores externos como produtos químicos e radiação ionizante têm sido relacionados como possíveis causas para o aparecimento da doença. Porém, a maioria das alterações cromossômicas ocorre sem causa aparente. “É importante ressaltar que não se trata de um fenômeno hereditário, apesar de ocorrer nos genes, junto ao DNA. O resultado desta alteração é um crescimento anormal dos glóbulos brancos, aumentando sua concentração no sangue. (HAMERSCHLAK, s/d, p.1)

A velocidade da multiplicação das células doentes, segundo dados do Instituto Paranaense de Oncologia (Ison)⁴, é o que define se a leucemia é aguda ou crônica. Em relação ao trabalho, este vai abordar o caso de doentes com leucemias agudas, já que o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 4º ano do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG, email: emmanuelornazari@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Dr. do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG, email: carloso Souza2013@hotmail.com

⁴ Disponível em: <http://www.ispon.com.br/orientacao.php?tipo=1&cod=8> . Acessado em 5 de junho de 2010



foco são crianças. As leucemias agudas têm aparecimento rápido, com a multiplicação desordenada de glóbulos brancos que “tomam conta” da medula óssea. Em consequência disso, há também alterações em outros componentes do sangue (plaquetas e glóbulos vermelhos). Nas leucemias crônicas, a multiplicação de glóbulos brancos ocorre de maneira lenta. Este tipo da doença incide principalmente em pessoas com mais de 60 anos, aparecendo também em jovens adultos. Já as agudas podem aparecer em qualquer faixa etária, desde lactantes a idosos. As leucemias podem ainda ser classificadas como mielóides ou linfóides, de acordo com o subtipo de glóbulos brancos afetados. “A identificação correta destas categorias e subtipos possibilita ao médico a decisão sobre o melhor tratamento a ser ministrado, assim como definir o prognóstico dos pacientes”. (HAMERSCHLAK, s/d, p 1)

O diagnóstico da doença é fornecido através de um exame de sangue e confirmado a partir de análise da medula óssea. Após a confirmação, tem início o tratamento, com o objetivo de destruir as células doentes para que a medula volte a produzir células normais.

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer⁵, o grande progresso para se obter a cura dessa doença foi alcançado com “a associação de medicamentos (polioquimioterapia), controle das complicações infecciosas e hemorrágicas e prevenção ou combate da doença no Sistema Nervoso Central”. (INCA, 2010, p. 1)

O tratamento é realizado em etapas. A primeira tem a finalidade de obter a remissão completa. É a fase de indução de remissão, quando os exames não evidenciam mais células anormais no organismo. Porém, segundo o próprio INCA, pesquisas comprovam que ainda restam células doentes no paciente, o que obriga a continuação do tratamento para que não haja uma recaída. Nas próximas etapas, o processo varia de acordo com o tipo de célula afetada. Nas linfóides pode durar mais de dois anos e nas mielóides menos de um ano.

Em resumo, são três fases: consolidação (tratamento intensivo com substâncias não usadas na primeira fase do tratamento), reindução (repetição dos remédios usados na fase de indução da remissão) e manutenção.

Em alguns casos é possível ser feito a imonoterapia⁶. Este tratamento melhora as defesas naturais do organismo contra o câncer, sendo administrado por uma injeção na

⁵ Disponível em:

<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/leucemia/tratamento> . Acessado em 05/06/10

⁶ Disponível em: <http://www.roche.pt/sites-tematicos/infocancro/index.cfm/tipos/leucemia/leucemia-metodos-de-tratamento/> Acessado em 05/06/10



veia. Outro tipo de tratamento é a radioterapia, que utiliza a radiação para acabar com as células cancerígenas e é sempre administrada num hospital ou clínica.

Porém, existem casos que o tratamento não é eficaz e a solução para o fim da doença é o transplante. Este substitui a medula óssea doente, por células saudáveis, com objetivo de reconstituí-la.

Segundo a Oncohematologista Pediátrica, Mônica Lankszner⁷, esta é uma doença rara entre as crianças, podendo agredir diferentes órgãos e apresentar-se clinicamente de maneira diversa. É uma enfermidade de curso rápido e a urgência no diagnóstico é fundamental para a eficácia do tratamento.

A contribuição do (para) Jornalismo

A escolha do tema ‘crianças com leucemia’ se sustenta pela evidente influência social da doença. O câncer, em seus diversos tipos, provoca na sociedade um pensamento temeroso sobre como as pessoas vão conseguir conciliar suas atividades normais do dia a dia com a rotina do tratamento, a qual envolve sessões de quimioterapia, idas frequentes ao ambulatório e ao médico.

Porém, o que se tem acesso sobre a doença, pelos diversos meios de comunicação é, de certa forma, uma valorização excessiva dos percalços do tratamento. Quando o assunto é tratado, o enredo gira em torno das atividades quimioterápicas, da rotina hospitalar, das reações causadas no corpo – principalmente a queda de cabelo – a fim de mostrar para a sociedade, através da comoção, a gravidade da doença. No entanto, a vida de um portador de leucemia não se registra somente a estas experiências.

Assim, este trabalho quer mostrar que atividades comuns à faixa etária das crianças como correr, ir à escola ou ao parque, sair passear com os pais, jogar futebol ou brincar de boneca, contribuem para que se realize um tratamento de qualidade.

Existe uma visão demasiadamente limitadora sobre as possibilidades de vida de uma pessoa com leucemia. Obviamente, há uma mudança significativa de vida, tanto na do portador quanto na dos familiares e demais envolvidos, entretanto, isso não impede que o paciente realize atividades normais, assim como uma pessoa que não possui a doença. É justamente essa possibilidade que faz com que a esperança na cura ganhe força. A perspectiva de ter uma vida ‘normal’, sem os percalços do tratamento, é fato motivador para aumentar a vontade e dedicação em busca da cura.

⁷ Disponível em: <http://www.ispon.com.br/orientacao.php?tipo=1&cod=12> . Acesso em 05/06/10



Assim, entende-se que este trabalho, além de contribuir para trazer uma visão diferente do formato veiculado pela maioria dos meios de comunicação, mostrando uma nova possibilidade de enfoque jornalístico, propõe a aplicação de diversas técnicas jornalísticas – que serão abordadas no decorrer deste texto – para obtenção das informações essenciais para elaboração do livro-reportagem. Como é possível analisar, o tema proposto é plausível de aplicação em outras diversas áreas de conhecimento, como Medicina, Enfermagem, Psicologia, Serviço Social, entre outras. Porém, encontra-se no Jornalismo, e em suas técnicas próprias, a maneira mais eficaz para colher as informações, fazer a interpretação necessária e ainda sim produzir um texto capaz de atingir inúmeras pessoas, com diferentes experiências, que não têm acesso a um conteúdo diferenciado sobre o tema, mas apenas aquele apresentado pelos diversos meios de comunicação ou, ainda, por ligações afetivas ou de proximidade com algum portador da doença.

Vale utilizar este espaço para explicar a escolha das crianças como foco principal. A leucemia apresenta-se como o câncer de maior incidência em pessoas menores de 15 anos. O levantamento feito pela Surveillance Epidemiology and End Results (apud INCA, 2002) indica 31% dos casos para a respectiva doença.

Outro motivo para a escolha do grupo crianças está na inocência deste perante o desconhecido. A pouca experiência faz com que elas não saibam o tamanho real do problema pelo qual estão passando. Justamente por não terem noção da gravidade, demonstram maior confiança nos resultados do tratamento e na cura, se comparado às pessoas adultas.

Livro-reportagem

O espaço livro-reportagem nos permite fugir da rotina delimitadora das redações de periódicos, tanto diários quanto semanários. Jornais e revistas possuem a lógica de tempo e espaço que, muitas vezes, não permite ao jornalista atingir a profundidade necessária que certo tema desperta e precisa.

A elaboração de reportagens com alto nível de aprofundamento possibilita ao jornalista contato direto e mais próximo da sociedade, colocando à prova o exercício da cidadania em relação aos enfrentamentos e responsabilidades próprios da sua atividade profissional (SANTOS; OLIVEIRA, 2003). Não se diminui aqui ou se atesta a inexistência dessas necessidades na prática cotidiana do jornalismo, ou em outros



segmentos diferentes do livro-reportagem. Entretanto, considera-se que este último espaço exige a potencialização dessas características.

Na obra *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima (2003) entende que se pode tentar dividir livro-reportagem em duas categorias. Por um lado, aquele que se utiliza de um tema atual, aproveitando a efervescência do momento e a atenção direta dada pela população. Ou então, se distanciando do atual, buscando fatos para contextualizar uma época, na intenção de descobrir sua influência na contemporaneidade. Nesta segunda classificação, também estão os livros sem um assunto principal, ou como autor escreve, sem um “fato nuclear específico”.

Em relação à ampliação da notícia e ao aprofundamento exigido pela reportagem, Lima escreve que isto se realiza através da horizontalização e verticalização do relato. A primeira implica no detalhamento dos fatos, numa maior preocupação com a caracterização das situações. Já a segunda atua nas raízes da informação, em suas implicações e possíveis desdobramentos.

E para isso, o livro-reportagem se apresenta como um mecanismo capaz de dar suporte a este aprofundamento proposto. Traz as características fundamentais do campo jornalístico, porém, reservando ao autor uma maior maleabilidade no tratamento das informações. Há um espaço ampliado para apresentar o assunto e seus desdobramentos e para envolver cada situação apresentada, levantando as razões da ocorrência de certo fato e estabelecendo projeções do que ainda estão por vir. (LIMA, 2003)

Em sua obra, Lima entrevista Cremilda Medina, que explica a pretensão da reportagem.

A crítica à superficialidade e ao oportunismo extremada da cobertura jornalística é validade para o grosso do fenômeno. Mas não é validade se nós pensarmos no jornalismo como uma linha dinâmico-histórica que ultrapassa a etapa da superficialidade e do oportunismo, superando-a justamente pela linha de aprofundamento da notícia, realizada na grande-reportagem. (LIMA, 2003, p.32)

Vale lembrar que para se conseguir chegar ao aprofundamento proposto pelo livro-reportagem não basta apenas escolher um tema qualquer e se debruçar sobre ele. Não é qualquer tema que possibilita o desenvolvimento em profundidade. Num primeiro momento, é preciso ter um apelo social e informações preliminares que direcionem o caminho para o encontro de informações novas, maiores e complementares. Em seguida, na parte de produção, os textos devem apresentar alto nível de interpretação para dar ao leitor subsídios para que ele analise a informação.



O jornalista não deve ter eficiência apenas na apuração dos fatos, na coleta de informações, mas também, ter a capacidade de desenvolver um texto atraente. O objetivo é envolver o leitor para que ele se identifique com as histórias contadas e, num mesmo momento, entenda clara e rapidamente, possibilitando suas ligações e próprias conclusões sobre o acontecimento.

Lima reforça esta ideia ao assinalar que o trabalho do jornalista amplia o conhecimento da população. Para ele, a informação permite à sociedade opções de escolha, interpretação, participação das decisões democráticas e construção de novos caminhos. (LIMA apud SANTOS; OLIVEIRA, 2003)

Jornalismo Interpretativo

Quando se pressupõe a busca pela ampliação do tema e o aprofundamento da notícia, a aplicação do jornalismo interpretativo aparece de maneira fundamental. A interpretação é uma característica inerente ao jornalismo. A partir do momento em que há apuração, existe a análise das informações coletadas. Porém, a lógica de espaço e tempo do jornalismo diário e, por consequência, sua necessidade de um texto rápido, direto e curto, muitas vezes, restringe, ou pelo menos diminui, a possibilidade de uso deste recurso com mais desenvoltura.

Manuel Carlos Chaparro (1994 apud SANTOS; OLIVEIRA, 2003) já aponta, em seu livro *Pragmática do Jornalismo*, a importância da interpretação na prática da profissão. O autor entende que até mesmo os meios de comunicação diários deveriam readequar sua produção para valorizar a interpretação e argumentação em seus textos jornalísticos.

Já Lima (2003) considera a interpretação dentro da reportagem como algo que impulsiona o escritor a encontrar todas as formas possíveis para não deixar o leitor desprovido de meios de compreensão do tempo, das causas e origem dos fenômenos. Além disso, dá condições para que se consiga apreender o que está sendo passado, mesmo sem uma carga elevada de conhecimento a respeito.

Em sua obra sobre a responsabilidade social da profissão de jornalista, Medina (1982 apud SANTOS; OLIVEIRA, 2003) explica que a análise dos fatos possibilita a superação das respostas básicas para um texto meramente informativo, já que promove a identificação do fato com seu contexto e com sua influência e envolvimento com a sociedade.



Lima complementa a ideia considerando que o jornalismo interpretativo deve contemplar, senão de maneira integral, pelo menos em partes, cinco “ingredientes”: o contexto sobre o fato analisado; a busca pelos seus antecedentes; a criação de mecanismos de sustentação, como enquetes, entrevistas especializadas, questionários, para evitar informações rasas; a projeção, o que pode acontecer no futuro após repercussões de presente e passado; e a humanização da reportagem, tanto porque o jornalismo tem como uma de suas características principais a de ser uma forma de comunicação voltada ao homem.

Lima explica a necessidade de se perpassar por todas essas etapas.

Em tudo isso voltado para uma abordagem multiangular, para uma compressão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, ganhando contornos sistêmicos no esforço de estabelecer relações entre as causas e as conseqüências de um problema contemporâneo. No jornalismo interpretativo não se contenta com a relação simplista de causa e efeito. A base da procura de entendimento para os problemas transita pelo conceito de casualidade múltipla para um mesmo fenômeno, com conseqüente multiplicidade de efeitos. (LIMA, 2003, p. 26)

Para desenvolver seu poder de interpretação, o jornalista deve sempre estar em contato direto com a sociedade. De acordo com Ruhani Maia Gama e Maria Cristina Dadalto (2009), é através da interação social que o jornalista se habitua aos códigos utilizados pelos diferentes grupos da sociedade. Mesmo existindo símbolos corriqueiros e de valor definido, condicionantes, como tempo e espaço, aliados à relação interpessoal, recriam a todo o momento novos símbolos que se incorporam e começam a fazer parte de certa parcela da sociedade.

O jornalista precisa estar em sintonia com as mudanças para conseguir acompanhar a evolução e saber interpretar tais reformulações. A produção da notícia leva em conta as significações promovidas pela sociedade, além de sua presença ser necessária para que indivíduo assimile o que está sendo transmitido pelo meio de comunicação. Como pontuam Gama e Daldato, o receptor identifica o sentido da mensagem porque, em outras situações, também é protagonista das histórias.

Ou seja, ao mesmo tempo em que protagoniza diversos acontecimentos no mundo real, o sujeito também é o receptor e ressignifica estes fatos produzidos pelos veículos de comunicação, o que possibilita a caracterização da notícia como uma construção social. (...) A relevância da atividade jornalística na construção social da realidade pode ser dada pela relação recíproca e permanente que a dinâmica da profissão (...) (GAMA; DALDATO, 2009, p.2 e p.10)



A aproximação com a sociedade dá maiores subsídios para que o jornalista consiga promover também a humanização das histórias contadas. Esta característica vai de encontro e contribuiu para que a interpretação ganhe eficiência e se transforme em um texto envolvente. “Humanizar um relato significa conduzi-lo a um nível de generalização capaz de encontrar as preocupações do conjunto do público, fazendo reviver a história como se ele fosse o herói”. (MEDINA 1982, p.31 apud SANTOS; OLIVEIRA, 2003, p.6)

Jornalismo Literário

Quando se remete à humanização da reportagem, a fim de aproximar o leitor e fazê-lo se sentir presente na história, convém lembrar a possibilidade de utilizar recursos literários na produção textual. Souza e Oliveira (2003) entendem que a aproximação do caráter interpretativo por excelência com os recursos literários ajuda na elaboração de textos produzidos para um livro-reportagem.

As autoras utilizam a concepção de Lima, na qual este afirma que não basta apenas a técnica jornalística, já que:

a reportagem requer, muito mais do que outros gêneros jornalísticos, um estro literário por parte do jornalista para que este possa verbalizar as suas impressões de modo que o seu texto não só forneça ao leitor informações necessárias à formação de uma visão crítica, como também sensibilize-o, toque-o umbilicalmente, de modo que ele se sinta participante da história, capaz de sentir as sensações como alguém que realmente tivesse presenciado o acontecimento. (LIMA 2003 apud SILVA; OLIVEIRA, 2003, p.9)

A influência da Literatura na imprensa está mais presente nos séculos XVIII e XIX, quando grandes escritores perceberam o potencial dos jornais e a força desses sobre o público. O jornalismo era basicamente formado de textos opinativos, o que fez com que muitos escritores divulgassem seus trabalhos através dos jornais. Assim, eles determinaram a linguagem e o conteúdo dos periódicos, principalmente do folhetim, marca fundamental da união Jornalismo e Literatura.

Fica claro que Jornalismo e Literatura, ao contrário do que pregam alguns críticos, são linguagens complementares. Quando associadas contribuem para a construção de matérias mais bem cuidadas que, sem dúvida, podem fornecer ao leitor uma melhor dimensão estética do texto. (ARAÚJO, 2010, p.1)



O resultado da aproximação do Jornalismo e da Literatura resultou em um gênero híbrido que harmoniza a eficiência de informar com qualidade e a fluência narrativa, que dá ritmo ao texto.

Uma das principais obras do gênero é o livro-reportagem *A Sangue Frio*, escrito por Truman Capote. O autor reconstituiu, em detalhes, um crime ocorrido nos Estados Unidos, destacando o perfil das vítimas e dos criminosos. No Brasil, quase todos os grandes escritores do século XIX escreveram para jornais. Dentre eles estão Euclides da Cunha, Raul Pompéia, José de Alencar, Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida. Este, por sua vez, publicou *Memórias de um Sargento de Milícias* nas páginas do *Correio Mercantil*. Outro exemplo é a *Revista Realidade*, que demonstrava a relação com o *new journalism* norte-americano, cruzando reportagem e romance através de técnicas da literatura adaptadas.

Essa influência dos recursos literários no jornalismo apresenta uma nova estrutura jornalística aos textos da imprensa. Felipe Pena define Jornalismo Literário como uma linguagem informacional e de transformação expressiva.

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. (PENA, 2006, p.21)

O autor afirma ainda que o jornalismo literário não se desfaz ou ignora o jornalismo diário. Mas sim, desenvolve as técnicas narrativas, constituindo novas estratégias.

Marília Scalzo (apud JESUS, 2007, p.3), em seu artigo *Literatura e Jornalismo: de João do Rio aos anos 2000*, declara de acordo com a afirmação de que jornalismo não é literatura, mas as técnicas literárias podem ajudar um jornalista a escrever melhor. “O jornalista, então, aprende técnicas de construção de personagens, de narrativas e descrição, fundamental para escrever reportagens”.

Esse ramo do jornalismo procura fugir do noticiário convencional, das matérias rápidas e superficiais, da objetividade extrema do *lead*. O jornalismo literário apresenta aquilo que está nas entrelinhas dos textos cotidianos, mostrando também o ponto de vista do escritor sobre determinada realidade. O autor não somente relata o fato, como



também humaniza o tema tratado por se envolver com a questão, sem esquecer o profissionalismo.

O Jornalismo Literário exige do repórter uma imersão ao seu tema, procurando abstrair o simbolismo do tema em que está imerso. Precisa-se humanizar a reportagem com personagens reais, descritos minuciosamente e responsabilmente. Não se reduz ao uso compartilhado de outras áreas do conhecimento, de técnicas que trariam uma maior literalidade ao jornalismo. O JL também representa uma aplicação de uma mentalidade humanista. (DEMENECK, s/d, p.2)

Neste mesmo caminho, o *new journalism* norte-americano também permite que o jornalista explore melhor as emoções dos personagens, apresentando diálogos e descrevendo os acontecimentos. Ele surgiu da insatisfação de alguns profissionais da imprensa com as regras de objetividade exigidas nos textos jornalísticos, expressadas na forma do *lead*. Segundo um dos precursores do estilo, Tom Wolfe, a ideia básica do Novo Jornalismo americano é evitar os textos em “tom bege”, que deixam os personagens apagados.

O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Um exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?! (PENA, 2006, p. 54)

Porém, não basta apenas aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Deve-se esgotar os personagens, arrancando-lhes o máximo de informações para assim atingir profundidade necessária. “O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos” (PENA, 2006, p.55).

Técnicas para coleta de informações

A coleta de informações deste trabalho será feita através de “entrevistas em profundidade”. Este conceito tem como objetivo não o tema em especial, mas o próprio entrevistado, “a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outro aspecto de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões” (LAGE, 2003, p. 75).



Além deste conceito, entende-se que a discussão encontrada no livro *Entrevista - Diálogo Possível*, estabelecida por Cremilda Medina, pode contribuir de maneira significativa na eficiência das entrevistas. Isso porque, pretende-se estabelecer um contato direto com as crianças, familiares e demais entrevistados, a ponto de conseguir captar informações através de gestos, expressões corporais e faciais e também pelo modo de enunciação de cada entrevistado.

Cremilda Medina escreve que a conversa entre indivíduos numa entrevista deve alcançar a característica de diálogo interativo para se que consiga entender de maneira mais clara os porquês implícitos nas informações transmitidas. “Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevista e entrevistador – saem alterados do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o Eu e o Tu”. (MEDINA, 1990, p.7).

As aspas na palavra anterior indicam que o sentido de interação proposto por Medina não busca que os participantes do diálogo desenvolvam uma relação de amizade. Na verdade, a “intimidade” sugerida está na presença de confiança do entrevistador com o entrevistado e vice-versa e no distanciamento do caráter de conversa como interrogatório. Os estabelecimentos do diálogo em que as interrupções, pausas, inversões e fugas de um cronograma de entrevista pré-estabelecido, tornam-se parte da entrevista e têm valor considerável para se entender as reais opiniões apresentadas na conversa.

Medina destaca dois conceitos de entrevista que, de maneira diferente, tendem à humanização no processo comunicativo. A entrevista-diálogo “é mais que uma conversação mundana. É busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema”. (MEDINA, 1990, p.15)

A entrevista diálogo pressupõe uma interação direta entre os enunciadores, com os dois trabalhando efetivamente em busca de uma verdade comum. Já o conceito de entrevista como neoconfissões, extrapola o sentido de comunicação interativa. A autora escreve que há uma prevalência do entrevistado perante o entrevistador. O grau de envolvimento faz com que o entrevistado se ocupe do tempo do diálogo para confessar suas experiências e visões sobre o fato discutido.

Para Medina alcança-se assim,



a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si sua ambivalência: toda confissão pode ser considerada como um *strip-tease* da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e podres da vida cotidiana. (MEDINA, 1990, p.15).

Este trabalho também pretende acompanhar de perto a rotina das fontes escolhidas, desde suas atividades do dia a dia até as etapas do tratamento, sua recuperação, evolução e, dependendo do estágio, sua constatação de cura. Esse acompanhamento presencial vem como mais um mecanismo para se chegar à relação de “intimidade” proposta anteriormente por Medina.

Além disso, Gama e Dalato (2009) reforçam que o contato com a subjetividade do outro é mais próximo do que o contato com a própria subjetividade. Ou seja, uma relação contínua faz com que tanto fonte quanto entrevistador se expressem de maneira espontânea e com maior veracidade. Isso ajuda a pontenciar a interpretação dos fatos, a avaliar as informações e a estabelecer parâmetros.

Fontes e enredo do livro

Não há ainda uma definição de como a trama do livro vai se desenhar. Logicamente, haverá uma ligação entre as histórias das crianças entrevistadas para que o livro apresente as informações de maneira contínua, sem uma divisão por blocos, que ocasionaria na distribuição das histórias em formato de perfil.

Pretende-se entrevistar cinco ou seis crianças com idades entre três e dez anos. Porém, como já se imagina uma possível dificuldade em colher informações com as crianças, também serão feitas entrevistas com os familiares e amigos próximos, médicos, psicólogos e assistentes sociais. Alguns desses entrevistados já foram encontrados através do Iapon (Instituto Sul Paranaense de Oncologia), na Avenida Dr. Francisco Ribas, nº 638, Centro, Ponta Grossa – PR.

Neste trabalho também serão utilizadas entrevistas com médicos especialistas em Encoematologia Pediátrica. Visa-se aqui ter uma gama maior de informações para avaliar o nível de envolvimento dos médicos com as crianças e em que proporção isso é fundamental para um tratamento eficaz.

Além disso, já existem duas fontes pré-escolhidas. A primeira é uma menina de seis anos, que começou o tratamento há mais de dois anos. Todas as quartas-feiras, ela vem de Imbituva, cidade onde mora, para o tratamento realizado no Iapon, em Ponta



Grossa. O segundo é um menino de três anos, sendo que a doença foi descoberta em 2009 e residente em Ponta Grossa.

Os nomes das crianças não foram citados pelo fato de que o livro utilizará de pseudônimos para identificar os personagens. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dá o direito às crianças ao anonimato, quando se entende que estão em situação de risco, e o câncer se enquadra neste quesito. No entanto, entende-se que a utilização de nomes fictícios não vai prejudicar a produção do livro, além do que, não se quer tornar as crianças escolhidas referências de doença. Pretende-se narrar suas histórias para que as pessoas percebam as dificuldades, sintam que isto pode acontecer também com elas, mas principalmente, que entendam a possibilidade de se ter experiências próprias da faixa etária, mesmo com as limitações impostas pelo tratamento.

Referencias Bibliográficas

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2006

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo Editora Ática, 1990.

ABIADY, Ana Carolina de Araújo. *O jornalismo especializado na sociedade da informação*. Paraíba, 2000.

PEREIRA, Michely Regina de Macedo Massa; PEREIRA, Thiago Santos. *Segmentação e especialização: modos de ver, entender e fazer jornalismo*. Maringá, 2009.

GAMA, Ruany Maia; DALDATO, Maria Cristina. *A notícia como construção social no universo*. 2009.

SANTOS; Daniella Santos; OLIVEIRA, Eliane Freire. *A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo*. 2003;
FERREIRA, Ricardo Alexino. *Jornalismo Segmentado (Especializado-Científico): análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar*. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. *Câncer na Criança e no Adolescente no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA, 2008.



HAMERSCHLAK, Nelson. Leucemia: Uma doença potencialmente curável? Disponível em: <http://www.praticahospitalar.com.br/pratica%2042/pgs/materia%2002-42.html> . Acessado em 05/06/10.

DEMENECK, Ben-Hur. Folkcomunicação e jornalismo literário: uma relação que promove um pensar e um agir jornalístico humanista. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/cb/GT1_03_BenHurDomeneck.pdf . Acessado em: 24/05/10.

Instituto Sul Paranaense de Oncologia. Disponível em: <http://www.ispon.com.br/orientacao.php> . Acessado em: 05/06/10.

Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/leucemia/definicao> . Acessado em: 05/06/10.

INFOCANCRO. Leucemia: Métodos de Tratamento. Disponível em: <http://www.roche.pt/sites-tematicos/infocancro/index.cfm/tipos/leucemia/leucemia-metodos-de-tratamento/> . Acessado em: 05/06/10.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINFOMA E LEUCEMIA (ABRALE). Leucemias na infância. Disponível em: http://www.abrale.org.br/det_cancer_infantil/leucemia/index.php . Acessado em: 05/06/10